

N. CLASS.....  
CUTTER.....  
ANO/EDIÇÃO.....

**FACULDADE TRÊS PONTAS – FATEPS**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**  
**ANA CAROLINE CARVALHO**

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE ENSINO: uma reflexão  
voltada para qualidade**

**Três Pontas  
2016**

**FEPESMIG**

Registrac.....

Data:.....

**ANA CAROLINE CARVALHO**

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE ENSINO: uma reflexão  
voltada para qualidade**

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Três Pontas – FATEPS como pré-requisito para obtenção do grau de licenciatura sob a orientação da Profa. Ma. Eliane Maria Morais Menegatto.

**ANA CAROLINE CARVALHO**

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE ENSINO: uma reflexão  
voltada para qualidade**

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em  
Pedagogia da Faculdade Três Pontas – FATEPS como  
pré-requisito para obtenção do grau de licenciatura, pela  
Banca Examinadora composta pelos membros:

Aprovada em: 23 de Junho de 2016.

---

**Profa. Ma. Eliane Maria Morais Menegatto**

---

**Profa. Esp. Ana Cristina Naves**

---

**Profa. Samantha Guimarães de Castro**

**OBS.:**

## **AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE ENSINO: uma reflexão voltada para qualidade**

Ana Caroline Carvalho\*  
Eliane Maria Morais Menegatto\*\*

### **RESUMO**

Este trabalho analisa a Avaliação no processo de ensino e aprendizagem em uma proposta voltada para qualidade de ensino. É importante entender o educando e seu processo de aprendizagem através das avaliações contínuas e compartilhadas vivenciadas em sala de aula. A finalidade desta pesquisa é mostrar como acontece o processo de avaliação da aprendizagem, visões e dimensões da avaliação e, como os professores a utilizam, visando o aluno e seu cotidiano, sempre voltado para uma qualidade de ensino. A pesquisa teórico-bibliográfica realizou-se com a reflexão sobre a avaliação da aprendizagem, em sua amplitude, nos aspectos que lhe dão a devida relevância, com suporte em referenciais de autores como Luckesi, (1998, 2002); Hoffmann, (2005); Esteban (2001); Delors (2002,2010) entre outros, que têm oferecido contribuições e que serviram para execução desse estudo, e da legislação vigente ao tema. A avaliação é indissociável da aprendizagem ao contexto do educando, família e escola, enquanto é concebida como problematização, questionamento, reflexão sobre a ação. O estudo trouxe o entendimento da importância de agregar o conhecimento no contexto avaliativo numa visão de totalidade, de formação de valores, competências e habilidades, estabelecendo assim objetivos a serem alcançados tanto para alunos, quanto para professores, tendo em vista que a aprendizagem é um processo contínuo e compartilhado, em busca da qualidade.

**Palavras-chave:** Processo de Avaliação. Aprendizagem. Qualidade de Ensino.

### **1 INTRODUÇÃO**

A discussão sobre o processo de avaliação da aprendizagem tem a importância pela consciência da necessidade e da urgência de serem iniciadas mudanças na proposta e também no instrumento.

---

\* Ana Caroline de Carvalho, Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Três Pontas – FATEPS. Email: caroltp@hotmail.com

\*\* Eliane Maria Morais Menegatto – Profa. Ma. do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Três Pontas- FATEPS. E mail: menegattoeliane@gmail.com

A reflexão sobre a construção de uma proposta de avaliação da aprendizagem no processo de ensino tem o propósito de perceber conceitos atuais de avaliação da aprendizagem: o que é, porque e como deveria ser feita, que valor social tem e quais as contribuições e implicações podem ser relacionadas ao sucesso ou ao fracasso escolar.

Essas ideias, conhecimentos e informações, permitem questionar se as formas de avaliação do processo de ensino e aprendizagem praticado é eficiente para a formação do ser humano emancipado, crítico, consciente, investigador, produtor de mudanças sócio culturais,

Mudar a avaliação tradicional exige mudar paradigmas, as concepções e práticas enraizadas culturalmente no contexto escolar. Talvez a mais profunda mudança seja compreender que uma prática de medição e de classificação, a qual induz à segregação e à exclusão do educando, não é avaliação.

Este é um processo lento de mudanças que trará insegurança e angústias em educadores, educandos e famílias. Se o objetivo é uma educação transformadora, eficiente e compartilhada é importante repensar outras formas e alternativas de avaliação do processo de ensino e aprendizagem escolar. A LDBEN – Lei 9.394/96 enfatiza essa educação centrada na formação e mudança de valores e de atitudes, que o educando seja avaliado de forma contínua, a partir de aspectos qualitativos em detrimento aos quantitativos demonstrados por ele ao longo do período.

A avaliação deixará de ser excludente e sua prática será incorporada ao processo de ensino e aprendizagem, identificando conhecimentos construídos, dificuldades e necessidades de forma dialógica. Pode-se, pois, oferecer condições de readequação ao educando e promovê-lo como cidadão e ser humano que é. Que os atuais paradigmas de avaliações abram espaço e oportunidade para a auto avaliação e para a avaliação qualitativa e dialógica. A partir destas, que todos assumam sua parte de responsabilidade e juntos, prazerosamente, encontram-se alternativas para sucesso na ação de ensinar e aprender.

Dificuldades serão encontradas, mas mudar a partir de oportunidade aos envolvidos no processo de avaliação, analisar suas atitudes, valores, habilidades e competências, pode ser a conscientização para um novo caminho, mesmo que haja inúmeras razões e dificuldades como o sistema, a formação docente, o envolvimento familiar.

Iniciar, no sentido de percebê-la como processo contínuo de orientação e reorientação da aprendizagem para melhores resultados, em nova trajetória para a avaliação da aprendizagem e o processo de ensino de qualidade.

## **2 A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: aspectos conceituais e legais**

A avaliação da aprendizagem, como parte contínua e integrante do processo ensino e aprendizagem, não pode ser vista como um elemento indiferente a este processo. Ao longo da história a avaliação enquanto prática pedagógica tem se apresentado de diferentes formas, geralmente, correlacionadas às razões que possibilitam a sua prática, mas de modo geral sempre foi uma atividade de controle que visava selecionar e, portanto, incluir alguns e excluir outros (GARCIA apud ESTEBAN, 2001).

No final dos anos 1980 e início de 1990, surgem, no Brasil, concepções mais progressistas da avaliação.

O ato de avaliar inicialmente traz consigo o conceito de avaliação escolar. É importante partir da ideia de que o ato de avaliar não se restringe apenas a essa área humana. Para Dalben (2004) o século XXI trouxe consigo uma mudança no sistema educacional e também com relação aos métodos de avaliação. A avaliação, processo bastante discutido, uma vez que se busca entender as diferentes propostas nesse instrumento.

Muito se tem discutido sobre a avaliação no contexto escolar. Busca-se uma verdadeira definição para o seu significado, justamente porque esse tem sido um dos aspectos mais problemáticos na prática pedagógica.

Entende-se, pois, que a avaliação da aprendizagem passa a ser uma questão político-pedagógica e deve sempre contemplar as concepções filosóficas de homem, de educação e de sociedade, o que implica em uma reflexão crítica e contínua da prática pedagógica da escola e sua função social.

Completa Garcia (apud ESTEBAN, 2001) que essa deve ser compreendida como uma ação reflexiva do processo da aprendizagem, pois é um instrumento essencial no desenvolvimento social, afetivo e cognitivo. No sistema educacional, a avaliação deve acontecer de forma organizada e planejada de acordo com as normas que regem o Sistema de Ensino.

Também a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN (Brasil, 1996), em seu artigo 9º, Inciso VI, diz que a União se incumbirá de assegurar o processo nacional de avaliação do rendimento escolar do Ensino Fundamental, Médio e Superior, em colaboração com os Sistemas de Ensino, objetivando a definição de propriedades e a melhoria da qualidade do ensino. No artigo 24, inciso V, alínea, ressalta que a avaliação deve ser contínua e cumulativa em relação ao desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos

sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais.

Segundo Dalben (2004, p. 15) “a avaliação constitui-se num processo sistemático de análise de uma atividade, fatos ou coisas que permite compreender, de forma contextualizada, todas as suas dimensões e implicações, com vistas a estimular seu aperfeiçoamento.”

A avaliação da aprendizagem deve levar em conta os objetivos propostos no planejamento do professor e ser feita continuamente através de trabalhos individuais e em grupos, provas subjetivas ou objetivas ou outros procedimentos pedagógicos, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos, sempre.

Segundo Vasconcellos (1998) há necessidade de referenciais que sejam claros no processo avaliativo, não podendo se limitar à verificação da aprendizagem de conteúdos ou atividades, usando-se tão somente os instrumentos de provas e notas, embora façam parte desse processo. Por isso, a avaliação deve contemplar uma concepção mais ampla, uma vez que envolve formação de juízos e apreciação de aspectos qualitativos.

Ela está presente, também nos demais domínios inerentes às atividades humanas. Dessa forma, quando se faz julgamentos, comparações, análises e, quando se emite conceitos e valores, avalia-se também. Esta é mais uma ferramenta adquirida no decorrer do desenvolvimento do ser humano, que orientam opções do dia-a-dia ou, formal ou informalmente que define muitas vezes, a tomada de decisões (DALBEN, 2004).

Importante salientar que as atitudes e valores devem ser acompanhados, pois eles fazem parte do processo educativo, não podendo ser objeto de avaliação quantitativa, incapaz de mensurar o progresso nos aspectos procedimentais e atitudinais dos educandos, não querendo com isso dizer que se devem aprovar os alunos de forma aleatória, mas se ter o cuidado de lhes garantir aprendizagem que possibilite seu sucesso no processo escolar (GARCIA apud ESTEBAN, 2001). Entendendo, assim,

[...] será necessário que se busquem nas normas legais do processo avaliativo em toda a prática pedagógica, e em uma concepção democrática, uma escola que deve se valer tanto do processo de avaliação quanto do compromisso de todos os envolvidos, dando ao aluno oportunidade que deve ser exercida através do direito de avaliar e ser avaliado. (SAUL, 2006, p. 55).

Ao propiciar a todos os envolvidos no processo, que possam participar dele, ao serem ouvidos, com direito à informação, negociação e sigilo, oferecendo condições para que o aluno analise o seu contexto e possa produzir cultura, será possível reconhecê-lo como sujeito do seu contexto sócio histórico.

## 2.1 Diferentes visões do ato de avaliar

Apesar de ser a avaliação uma prática social ampla, pela própria capacidade que o ser humano tem de observar, refletir e julgar, na escola sua dimensão não tem sido muito clara. Ela vem sendo utilizada ao longo das décadas como atribuição de notas, visando à promoção ou reprovação do aluno.

Para se buscar uma escola que não seja uma preparação para a vida, mas que seja ela mesma uma rica experiência de vida, uma escola que não seja reprodutora dos modelos sociais discriminatórios, mas promotora do desenvolvimento integral de todos os alunos, temos de repensar a avaliação. Nem sempre o professor tem definido os objetivos que quer alcançar com seus alunos. Nesse sentido, a avaliação muitas vezes tem sido utilizada mais como instrumento de poder nas mãos do professor, do que como *feedback* para os seus alunos e para o seu próprio trabalho (VASCONCELLOS, 1994).

São muitos os autores que discutem o ato de avaliar. Aqui serão elencados alguns desses autores. Para Hoffmann (2005) é urgente encaminhar a avaliação, a partir da relação professor e aluno, em benefício da educação contrapondo-se à concepção autoritária, grande responsável pelo processo de eliminação de crianças e jovens da escola.

Algumas mudanças em avaliação vêm ocorrendo como decorrência da exclusão de grande número de alunos da escola, precocemente, e porque a escola tradicional, ainda elitista e classificatória não deu conta de oportunizar que todos aprendessem como poderiam se tivesse oportunidades reais de aprendizagem. (HOFFMANN, 2005, p.58).

Hoffman (2005) ressalta que a avaliação deve ser desenvolvida a partir de uma prática mediadora entre todos os envolvidos no processo: professor, aluno, ensino e aprendizagem. A avaliação deve ser feita em um enfoque multidimensional. A avaliação envolve valor, e valor envolve pessoas. Quando se avalia uma pessoa o processo deve ser por inteiro – o que se sabe, o que se sente e o conhecimento e a relação que se tem da pessoa.

Pode ser utilizada como instrumento para o próprio professor pensar e avaliar seus métodos, e para que o aluno por sua vez possa observar seus avanços, confrontar seus medos, e assim descobrir onde tem maior dificuldade. Quando o aluno consegue entender seu processo de aprendizagem e apontar suas dificuldades, então preenchem lacunas que impediriam esta comunicação com o professor (HOFFMANN, 2005).

Outra contribuição é a de Saul (1988). A autora trata de uma avaliação emancipatória, em relação aos modelos tradicionais. Ainda Saul (1988, p. 26) afirma que “a avaliação da

aprendizagem foi e continua sendo o mais frequente objeto de análise dos estudiosos do tema.” A preocupação com este instrumento como medida e avaliação de rendimento escolar é bastante antiga e aconteceu no início do século passado com o movimento dos testes educacionais, no movimento para resgatar o valor de mensurar as mudanças de comportamento com *Robert Thorndike*, nos Estados Unidos (SAUL,1988).

Esteban (1999) também pontua que há a necessidade de se rever o sentido da avaliação, para além dos ‘exames’, além deste ato, ser resultado de práticas sociais que trazem tensões na sala de aula. Traz a visão da avaliação como instrumento de classificação e exclusão social, que vai contra o discurso de construção coletiva de uma escola que é para todos.

O processo de avaliação é abordado por Moretto (2007, p.9) quando enfatiza que este é um ato que deve ajudar o professor na prática do cotidiano escolar, tendo por base o pensamento “não é acabando com a prova escrita ou oral que melhoraremos o processo de avaliação da aprendizagem, mas (re) significando o instrumento e elaborando-o dentro de uma nova perspectiva pedagógica.” A avaliação, de acordo com o autor deve ser transformada em oportunidade para outra perspectiva de ensino e aprendizagem que deverá ser um ‘momento privilegiado para o conhecimento e, não um acerto de contas’ (MORETTO, 2007).

Contribui Luckesi (1998) quando afirma que a avaliação da aprendizagem é praticada, independente do processo ensino e aprendizagem. Para o autor mais importante do que ser uma oportunidade de aprendizagem significativa, a avaliação vem se tornando um instrumento de ameaça. Na medida em que a avaliação se dá somente através de provas e exames, não há melhoria na qualidade da aprendizagem. Pontua o autor, que a prova não deve ser abolida, mas usada quando necessária e adequadamente. Este instrumento é apenas uma formalidade do sistema escolar. O aluno terá inúmeras outras oportunidades de interação para demonstrar o que aprendeu. Para isso, o professor necessita de mais conhecimentos sobre a avaliação e as formas de se avaliar.

Em uma proposta democrática os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (Brasil, 1997) trazem a avaliação para além da visão tradicional, que se preocupa com provas e notas – no controle externo do aluno mediante notas ou conceitos e passa a ser compreendida como parte integrante e intrínseca ao processo educacional. Nesta perspectiva, nota-se que a avaliação pode acontecer de várias maneiras quando se torna um processo contínuo, que considera o aluno com todo, no processo diário da sala de aula.

sua prática, sobre a criação de novos instrumentos de trabalho e a retomada de aspectos que devem ser revistos, ajustados ou reconhecidos como adequados para o processo de aprendizagem individual ou de todo grupo. Para o aluno, é o instrumento de tomada de consciência de suas conquistas, dificuldades e possibilidades para reorganização de seu investimento na tarefa de aprender. Para a escola, possibilita definir prioridade e localizar quais os aspectos das ações educacionais demandam maior apoio. (BRASIL, 1997, p.81).

Partindo desse pressuposto, para que haja uma mudança efetiva no processo de avaliação deve acontecer durante todo o processo de ensino e aprendizagem, visando o aprendizado do aluno, e não apenas o instrumento.

Os PCNs (Brasil, 1997), propõem métodos de avaliação mais amplos e transparentes, uma vez que pretendem que docentes e escolas integrem mais a aprendizagem com o próprio processo de ensino, do trabalho diário, da constante caminhada do aluno em direção da real aprendizagem. Dessa forma, segundo esse Documento, ensinar é dar condições para o aluno crescer de forma integral como ser humano (BRASIL, 1997). Esse pressuposto coaduna com as ideias de Moretto (2007) quando o mesmo, aqui citado anteriormente, fala que a prova é um momento de conhecimento e não de tensão e medo.

Segundo os PCNs (Brasil, 1997), a avaliação compreende um conjunto de ações organizadas a fim de saber o que o aluno aprendeu, e de que modo se deu essa aprendizagem de maneira processual e constitutiva. No Documento, a avaliação 'processual' deve servir como um instrumento em que o professor avalia, de forma analítica e crítica, seus métodos e práticas educativas. A avaliação constitutiva, torna possível analisar todo o processo de ensino e aprendizagem. Nesta 'avaliação contextual' o aluno reflete sobre os conhecimentos construídos, o que permite fazer suas atividades com maior eficiência e autonomia.

Há dois tipos de avaliação apresentados pelos PCNs:

-**Avaliação qualitativa**<sup>1</sup> o professor precisa construir formas de registros qualitativamente diferentes das que têm sido utilizadas tradicionalmente pela escola para obter informações que o auxiliem na implantação da ação pedagógica.

- **Avaliação dialógica:** deve ser realizada num espaço onde se considera aquele que aprende. Nesse sentido a avaliação dialógica considera o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos na pluralidade integrada das disciplinas do currículo escolar (BRASIL, 1997).

Para Luckesi (1998) existem muitas formas de se avaliar e sua função não se restringe a uma prova.

---

<sup>1</sup> Todos os grifos nosso

Para o autor a avaliação acontece todos os dias, onde aluno e professor terão a oportunidade de aprimorar seus respectivos conhecimentos, inclusive o autoconhecimento.

Nesse sentido, continua o autor (1998), é importante considerar todas as visões acima citadas utilizando-as nos diferentes contextos de aprendizagem. Faz-se, pois, necessário redimensionar a prática de avaliação no contexto escolar.

Não só o aluno, mas o professor e todos os envolvidos na prática pedagógica podem, através dela, refletir sobre sua própria evolução na construção do conhecimento e democratização do processo avaliativo. Importante entender que o que se espera na educação é a formação um ser de uma maneira ampla e diversificada e de forma que se alcance o verdadeiro aprender.

## **2.2 As dimensões atuais para a avaliação no contexto escolar**

A avaliação faz parte da vida diária do ser humano. Ele avalia e é avaliado diariamente, sem nem mesmo saber. A partir dessa avaliação sempre deverá haver uma dimensão por trás dela, seja essa explícita ou implícita na prática educativa.

Na sala de aula o professor deve perceber quais habilidades e dificuldades que cada aluno possui e avaliar cada um individualmente, no seu todo, e no desenvolvimento que os mesmos apresentam durante as aulas para assim acontecer uma boa prática, e um bom retorno, visando o aprendizado e o processo dos alunos em sala de aula. Sempre ressaltando que cada aluno possui seu contexto histórico e isso muitas vezes pode influenciar positiva ou negativamente durante o aprendizado (DALBEN, 2004).

Com isso é preciso que o professor saiba mais sobre seus alunos, e leve esse ponto em conta para que o aprender não seja prejudicado e a qualidade de ensino aconteça com mais facilidade e com total contribuição e dedicação do professor, para o melhor desses alunos.

O professor deve ver seu aluno como um ser social e político, construtor do seu próprio conhecimento. Deve percebê-lo como alguém capaz de estabelecer uma relação cognitiva e afetiva com a aprendizagem, mantendo uma ação interativa capaz de uma transformação libertadora e propiciando uma vivência harmoniosa com a realidade pessoal e social que o envolve (VYGOTSKY apud OLIVEIRA, 1988).

Para Dellors (2002, p.27) “o século XXI as missões da educação fazem com que englobe todos os processos que levem as pessoas desde a infância até o fim da vida, a um conhecimento dinâmico de mundo, dos outros e de si mesmas, combinando de maneira flexível quatro aprendizagens.”

Quando os sistemas educativos formais tendem a privilegiar o acesso ao conhecimento, em detrimento de outras formas de aprendizagem, importa conceber a educação como um todo. Esta perspectiva deve, no futuro, inspirar e orientar as reformas educativas, tanto em nível da elaboração de programas como da definição de novas políticas pedagógicas (DELLORS, 2002).

As quatro dimensões para se desenvolver a aprendizagem e, também a avaliação, precisam ser vistas em um sentido amplo para a formação do educando. Elas são interligadas e essas relações se intensificam no processo de ensino e aprendizagem, tendo como parâmetro uma coerência de avaliação e aprendizagem e, um diagnóstico que sempre é necessário, diante da complexidade da avaliação, como:

- **Avaliação Diagnóstica – Aprender a conhecer:** permite a verificação do conhecimento prévio do aluno, favorecendo ao professor uma investigação quanto ao caminho que se deve percorrer para promover a aprendizagem. Essa avaliação é necessária para saber quem é esse aluno, o que ele sabe suas necessidades, hábitos e preferências, para depois adotar estratégias e intervenções pedagógicas adequadas para cada um dos problemas detectados.

Neste momento, esta avaliação oportuniza ao aluno conhecer seu grau de dificuldade e avanços em determinadas áreas do saber como: valores, crença, cultura, necessidades e interesses dos alunos; saberes que os alunos possuem; conhecimentos que precisam ser aprendidos; competências e habilidades que deverão ser desenvolvidas.

- **Avaliação Formativa – Aprender a fazer:** acontece de forma processual e contínua, auxiliando o processo ensino e aprendizagem, possibilitando ao professor acompanhar a construção do conhecimento do educando, intervindo de imediato no processo pedagógico; orientando a reelaboração do seu planejamento, isto quer dizer, fazer na prática. Os avanços e as dificuldades de aprendizagem; a correção dos desvios, intervenções imediatas; o processo pedagógico; recuperação individualizada; revisão do planejamento; ajustamento das ações educativas; revisão do currículo e *feedback*.

- **Avaliação Somativa – Aprender a conviver:** é a soma de um ou mais resultados que acumulam os dados que vão permitir a ampliação das possibilidades de aprendizagem, considerando cada aspecto progressivo na produção do conhecimento, procurando analisar e identificar as conquistas e dificuldades dos alunos, professores e toda a gestão pedagógica e administrativa, contribuindo para o desenvolvimento da prática educacional. O progresso adquirido pelo aluno no período letivo; parâmetros seguros para qualificação da prática pedagógica, assim como a qualificação do aluno ao final do período; a prática educacional;

reorientação da prática educacional; reflexão sobre o conhecimento adquirido; revisão do currículo e metodologias pedagógicas.

- **Avaliação Emancipatória – Aprender a ser:** o enfoque é qualitativo, provocando a crítica, possibilitando aos sujeitos libertarem-se de condicionamentos determinados; oportunizando um processo democrático e dialógico, de forma a interferir na construção e desenvolvimento do seu próprio processo de aprendizagem - autenticidade e compromisso; - habilidade de relacionamento pessoal; desenvolvimento total da pessoa; reconstrução de seu conhecimento para ser ativo, crítico e reflexivo; selecionar conteúdos significativos (DELLORS; EUFRÁZIO, 1998).

Partindo destes pressupostos, é importante que se verifiquem as condições acima, para que se possa dizer que a avaliação do processo de ensino e aprendizagem é uma constante ação.

### **3 AVALIAÇÃO : um processo contínuo e compartilhado para a qualidade do ensino e aprendizagem**

Há discussões para se buscar novos caminhos e novas abordagens para o processo de avaliação, mas há ainda uma realidade prática no dia-a-dia da sala de aula, na prática. A teoria ainda é mais evidente do que novas abordagens na prática. Segundo Luckesi (2002) até o momento pouco se vê em uma inovação sistêmica dentro do processo, aguardando o seu tempo natural de adequação e de resultados, que logicamente não surgem do dia para a noite, mas de um tempo próprio e de acordo com a sua realidade natural.

Segundo Sordi (apud CHUEIRI, 2008) exames e provas para o processo de avaliação começaram a ser usados a partir do Século XVI – essa prática é a chamada de ‘Pedagogia Tradicional’. Aqui, provas e exames se equivalem, e, naturalmente ainda são prevalentes em muitos contextos tradicionais. É a avaliação quantitativa, que precisa de números e resultados, deixando o processo de ensino e aprendizado às vezes de lado.

Para os autores (2008) atualmente as modalidades de avaliações desejadas, devem se realizar de forma interativa, sendo aplicadas numa perspectiva diagnóstica, de forma continuada e compartilhada, para a qualidade do ensino e aprendizagem.

Não basta que se vinculem essas ações de continuidade e compartilhamento, mas que se proponha a dinamização e integração das mesmas, de maneira que se distribua, canalize e tenha resultados que possam estar interligados à ideia natural de educar, de mediar os conhecimentos através de uma metodologia didática de conhecimento e de informação, para

que não se faça do sistema de avaliação uma 'arma' metodológica de punição, como se tem feito até muito pouco tempo atrás (ESTEBAN, 2001).

Continuam os autores (2008), estas devem estar direcionadas para um núcleo e um objetivo comum que é a avaliação como um todo, de modo permanente, como se pode observar no esquema que se apresenta a seguir.

### **3.1 A avaliação e a família**

Para que o educando tenha melhor proveito, a ação educativa deve ser planejada para envolver simultaneamente o educando, a família e as pessoas que com ele interagem. Informando aos pais sobre o desempenho dos alunos, que é um direito desses e dever da escola, ajudando-os a entender o processo de avaliação, ter conhecimento do conteúdo, da forma como os professores ensinam e avaliam seus filhos. Segundo Cury (2003) muitas dificuldades tanto na família quanto na escola "podem ter como causa as falhas no distanciamento com nossos filhos e alunos."

Desse modo, a escola em sua amplitude tem o papel de integrar educando; família, visando ações conjuntas para promover uma aprendizagem significativa. A escola deve adotar estratégias para que os pais possam acompanhar o desempenho dos seus filhos, avaliando-os e favorecendo a auto avaliação de forma a se conscientizar da necessidade de mudança, visto que são partes integrantes do processo de ensino, pois esse não é somente o papel da escola.

O diálogo deve ser a prática constante na relação família e escola, ressaltando os aspectos positivos, progressos e possibilidades de melhora. Segundo Tiba (2007) os pais que compartilham das atividades escolares, inclusive da avaliação, valorizam mais os filhos, estreitando assim a relação de confiança, ética para realizá-la, estimulando-os e incentivando-os a superarem suas dificuldades, favorecendo-os no crescimento como aprendiz e como pessoa.

### **3.2 A avaliação e o educador**

Em um processo de aprendizagem, o educador precisa capacitar o educando a ações de reflexão sobre o mundo que visem torná-lo crítico, livre, capaz de construir e formular conceitos apresentados a ele e, de reformular as que lhe são apresentadas, as quais permitam novas descobertas. Segundo Luckesi (2004, p. 67) "qualquer resposta do aluno precisa ser entendida como nova interrogação e desafio proposto ao educador."

Dessa maneira e sendo a avaliação uma ação social, entende-se que o ato de avaliar sempre inclui o estudante, pois ele é o agente de sua formação; só ele se forma. O papel do educador é acolher o educando, subsidiá-lo em seus estudos e aprendizagens, confrontá-lo reorientando-o em suas buscas (LUCKESI, 2004).

Para que isso aconteça com segurança e qualidade, o educador deve estar atento a que problemas o educando está enfrentando, o que o impede de atingir os objetivos propostos, perceber quais são os resultados positivos obtidos e averiguar se os métodos do processo ensino-aprendizagem estão claros aos envolvidos.

Afinal, conforme Luckesi (2004, p. 89) enfatiza que a avaliação é “[...] um recurso de construção dos melhores resultados possíveis para todos. [...] exige aliança entre educador e educandos [...]” O educando, sendo um ser individual envolvido em um processo coletivo, deve ser percebido, conforme Esteban (2001), com suas facilidades e dificuldades para, a partir dessas, entender seu percurso de aprendizagem e oferecer-lhe condições a fim de que atinja os objetivos traçados.

Segundo Moretto (2000), para o sucesso no ensino é preciso que o professor estabeleça claramente os objetivos ao preparar suas aulas, analisando os conteúdos propostos e verificando a relevância para o contexto de seus alunos, considerando as características psicossociais, graus intelectuais, capacidade de estabelecer relação do conteúdo ensinado com dia a dia.

A ação do professor deve estar voltada para a promoção da aprendizagem dos alunos, garantindo a todos um bom desempenho em todas as atividades. Para tanto, é necessário que o professor reveja o currículo, o seu Plano de Curso, o Planejamento, as estratégias, os métodos e os materiais didáticos até que consiga os resultados esperados.

Nesse sentido e conforme Hoffmann (1998), avaliação significa avaliar pessoas em suas múltiplas dimensões, por inteiro. Necessita-se conhecer os educandos na integralidade, primando pelo respeito ao ser e a seus interesses e, para isso, o educador deve usar estratégias que permitam pensar: o que querem como agem, como se realizam, como desenvolvem as atividades.

No que se refere às competências relacionais e cognitivas, é importante prever reflexões, atos e ações de ensino e aprendizagem que permitam ao educando perceber e ampliar as competências que o leve a relacionar-se de modo mais adequado com os outros, com o ambiente e com a cultura, e com a avaliação do compromisso coletivo, que sejam adequadamente avaliadas essas competências em um processo ensino e aprendizagem.

precisa-se, entre outros aspectos, observar e considerar a capacidade de análise crítica; habilidade na argumentação; organização e de exposição do pensamento (GARDNER, 1993).

Para isso, é fundamental que, norteado por princípios éticos, o educador interaja com os educandos, seja solidário com eles e tenha domínio da heterogeneidade de conhecimentos existentes na classe, pois através desta referência poderá elaborar estratégias de ensino e acompanhar a evolução coletiva e individual de suas turmas.

Para Vasconcellos (1998, p.12) “[...] também é importante que, em determinados momentos do processo, o educando receba *feedbacks* sobre a sua aprendizagem. É a oportunidade para que ele faça uma auto avaliação, a qual deverá ser levada em consideração pelo professor, sempre.”

Com a prática efetiva da avaliação, o professor deve promover a integração e a conscientização dos alunos para aprendizagens essenciais e a autoformação de cidadãos autônomos, críticos e participativos, capazes de atuar com competência, dignidade e responsabilidade na sociedade em que vivem (VASCONCELLOS, 1998).

Complementa Gardner, (1993, p. 99) que a “prática da auto avaliação proporcionar ao aluno a oportunidade de analisar suas atitudes, valores, habilidades e competências, tornando-o sujeito do processo ensino e aprendizagem, conquistando sua autonomia de forma responsável e de confiança, em si mesmo.”

Algumas vezes as provas têm sido utilizadas como objeto de pressão psicológica, disfarçadamente apresentadas como elementos motivadores da aprendizagem. Entretanto, mesmo valendo-se das formalidades dos métodos de avaliação, estas acabam por não representar a totalidade da abrangência que um método avaliativo deve conter. Para Perrenoud (1999), é necessário que a avaliação seja um processo dinâmico e justo, além de criativo e coerente, para envolver não apenas o aluno, mas também os professores; e para isso, quando se aplica uma prova, o professor precisa estar consciente que independente do resultado alcançado pelo aluno a situação exigirá dele posicionamento adequado. A atenção demandada por parte do professor é de suma importância.

Atualmente, é isso que se espera nas escolas, uma educação voltada para o educando, centrada no ensino e aprendizagem, visando uma boa formação e prática. Por isso, os professores devem mudar seu olhar em relação à educação, usando e trabalhando a partir de metodologias ativas e interativas onde o foco seja o aluno e seu aprender. Com isso, o professor precisa de um olhar para o aluno como um todo, para que a avaliação se torne um momento prazeroso e de aprendizagem.

Se a avaliação é contínua e dialógica, pontua Luckesi (2002), possibilita a formação da personalidade e se concebida como elemento indispensável no processo de ensino e aprendizagem, permite conhecer o resultado das ações e aponta para o que deve ser feito para melhorá-las em uma intenção formativa que visa sucesso ou revela dificuldades, com relação aos objetivos estabelecidos, despertam a mudança para se avaliar um processo de aprendizagem.

Dessa maneira, a avaliação passa a ser entendida como ferramenta pedagógica para uma escola democrática, reflexiva, que contribui para o desenvolvimento de capacidades e habilidades e competências do educando e deve objetivar a melhoria do processo ensino e aprendizagem, primando pela qualidade.

#### **4 CONCLUSÃO**

A partir das pesquisas bibliográficas percebe-se que a avaliação no processo de ensino e aprendizagem, contribuem muito para a formação dos alunos, dando a oportunidade de um melhor e maior aprendizado. Assim a avaliação voltada para qualidade de ensino propicia uma relação de troca e aprendizado e as diferentes formas de avaliação contribuem para esse aprendizado de acordo com a demanda solicitada por cada aluno, sendo esta vista pelo professor.

Assim, a avaliação é vista como uma ferramenta importante dentro da sala de aula, que ajuda o professor a lidar com seus alunos buscando bons resultados, a partir de um melhor aprendizado para os mesmos, tendo em vista uma educação de qualidade, que realmente aconteça em prol do aprendizado, que é o objetivo a ser alcançado. Nessa perspectiva espera-se que os alunos vejam a avaliação como um aliado e não com medo.

Entende-se que a avaliação é essencial para uma boa formação e que essa seja voltada para o aluno, pois quando assim acontece o espaço escolar torna prazeroso e o contato e interação entre professor e aluno se faz com mais facilidade.

Conclui-se então, que o processo de ensino e aprendizagem, deve ter uma perspectiva voltada para qualidade de ensino, fazendo assim com que o aluno aprenda de uma maneira prazerosa e que possa propicia-lo no seu todo, acontecendo assim um melhor ensino e uma real aprendizagem.

***APRENDIZAJE LA EVALUACIÓN EN EL PROCESO DE ENSEÑANZA :  
una reflexión enfocada a la calidad***

## RESUMEN

*En este trabajo se analiza la evaluación en el proceso de enseñanza y aprendizaje en una propuesta enfocada a la calidad educativa. Es importante entender el alumno y el proceso de aprendizaje a través de las revisiones continuas y compartidas con experiencia en el aula. El propósito de esta investigación es mostrar como se hace el proceso de evaluación del aprendizaje, opiniones y dimensiones de la evaluación y como maestros a utilizar, dirigido a los estudiantes y su vida diaria, siempre frente a una calidad de la enseñanza. La búsqueda en la literatura teórica se llevo a cabo con la reflexión sobre la evaluación del aprendizaje, su extensión, los aspectos que le dan la debida importancia, apoyados por autores de referencia como Luckesi, (1998, 2002); Hoffmann, (2005); Esteban, (2001); Delors, (2002, 2010), entre otros, han ofrecido contribuciones y que sirvió para llevar a cabo este estudio, y la ley aplicable a la cuestión. La evaluación es inseparable de aprendizaje al contexto estudiante, la familia y la escuela, ya que se concibe con el interrogatorio, el cuestionamiento, la reflexión sobre la acción. El estudio trajo la comprensión de la importancia de agregar conocimiento en el contexto evaluativo una totalidad de visión, la formación de valores, habilidades y capacidades, estableciendo así los objetivos a alcanzar, tanto para los alumnos y para los profesores, con el fin de que el aprendizaje es un proceso continuo y compartido en la búsqueda de la calidad.*

**Palabras clave:** *Proceso de evaluación. El aprendizaje. Una enseñanza de calidad.*

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria da Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.** Ministério da Educação e Cultura. v 1. Brasília, 1997.

\_\_\_\_\_, **Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional.** Lei n. 9394 de 20 de dezembro. Brasília 1996.

Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm) Acesso em: 19 nov.2015.

CHUEIRI, Mary Stela Ferreira. Concepções sobre a Avaliação Escolar. In: **Estudos e Avaliação Institucional**, v.19, n.39, jan/abr. 2008. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/eae/arquivos/1418/1418.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2015.

CURY, Augusto Jorge. **Pais Brilhantes, Professores Fascinantes.** São Paulo: Sextante, 2003.

DALBEN, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas. **A avaliação escolar: um processo de reflexão da prática docente e da formação do professor no trabalho.** (Tese de doutorado em Educação, 275 fls). Belo Horizonte: UFMG, 2004.

DELORS, Jacques (org.). **Educação um tesouro a descobrir.** Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. 7. Ed. São Paulo: Cortez, 2012.

DELORS, Jacques; EUFRÁZIO, José Carlos. Os quatro pilares da educação. In: **Educação: um tesouro a descobrir.** São Paulo: Cortez, 1998.

ESTEBAN, Maria Tereza. **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos.** 3. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

GARCIA, Laura R. A avaliação e o sucesso/fracasso. In: ESTEBAN, M. T (Orgs) et al. **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos.** Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

GARDNER, Howard. **As Inteligências Múltiplas: a teoria na prática.** Porto Alegre: Artmed, 1993.

HOFFMANN, Jussara M. L. **Avaliação: mito e desafio. Uma perspectiva construtivista.** 35. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições.** Cortez. São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_, O que é mesmo o ato de avaliar? In: **Revista Pátio.** Ano 3, n. 12, Fevereiro/Abril de 2002. Disponível em: <http://cleuchaves.com.br/2010/12/resenha-do-artigo-o-que-e-mesmo-o-ato.html>. Acesso em: 21 nov.2015.

\_\_\_\_\_, **Prática Docente e Avaliação.** Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Tecnologia Educacional/ABT, 1998. (Série Estudos e Pesquisas, nº 44).

MORETTO, Vasco Pedro. **Prova: Um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas.** 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. O pensamento e a linguagem na perspectiva sócio histórica. In: **Anais: I Seminário Internacional de Alfabetização & Educação Científica.** Ijuí: UNIJUÍ, 1993. Disponível em: [http://coral.ufsm.br/lec/02\\_00/Cintia-L&C4.htm](http://coral.ufsm.br/lec/02_00/Cintia-L&C4.htm). Acesso em: 22 nov. 2015

\_\_\_\_\_, Pensar a educação: contribuições de Vygotsky. In: **Piaget e Vygotsky: novas contribuições para o debate.** São Paulo: Ática, 1988. Disponível em: [http://coral.ufsm.br/lec/02\\_00/Cintia-L&C4.htm](http://coral.ufsm.br/lec/02_00/Cintia-L&C4.htm). Acesso em: 22 nov. 2015

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas.** Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

SAUL, Ana Maria. **Avaliação emancipatória: desafios à teoria e a prática de avaliação e reformulação do currículo.** 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

TIBA, Içami. **Quem Ama, Educa!** Formando cidadãos éticos. 20. ed. São Paulo: Integrare Editora, 2007.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação:** concepção dialético-libertadora do processo de avaliação escolar. São Paulo: Libertad, 1994).

\_\_\_\_\_. **Avaliação:** Superação da lógica classificatória e excludente: do é proibido reprovar ao é preciso garantir a aprendizagem. São Paulo: Libertad, 1998.